Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

METODOLOGIAS PARA ABORDAR INFORMAÇÕES DA MÍDIA IMPRESSA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Elaiz Aparecida Mensch Buffon
eambuffon@gmail.com

Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: UFPR – Laboratório de Climatologia, Centro Politécnico. Ed João José Bigarela I, 210. CEP 81531-970. Curitiba/PR

Adriana Maria Andreis
adriana.andreis@uffs.edu.br

Doutora em Educação nas Ciências - concentração Geografia, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó/SC. Endereço: Av. Fernando Machado, 108 E. Centro. Caixa Postal 181. CEP 89802-112. Chapecó/SC

RESUMO

Este trabalho aborda o diálogo entre a mídia e o pensar e fazer uma Educação Geográfica na escola. Com o objetivo de analisar possibilidades do uso do jornal para abordar conteúdos geográficos, utilizamos metodologia pautada na pesquisa bibliográfica no campo teórico, e baseada na interpretação de reportagens de jornal, no campo empírico. A ênfase da análise centra-se na construção de argumentos, para demonstrar o uso do jornal impresso como auxiliar no processo de ensinar e aprender conteúdos geográficos, considerando-o como veiculador de informações que podem ser utilizadas para a construção de conhecimentos. As informações disponibilizadas nas reportagens necessitam de análise crítica, uma vez, que não são informações neutras, desse modo, utilizou-se duas opções metodológicas: os padrões de manipulação da grande impressa e, as dimensões dos discursos. Esses percursos analíticos oferecem uma interpretação pautada em critérios que servem para filtrar as informações, utilizadas na construção dos conhecimentos. Assim, entende-se que ensinar e aprender conteúdos geográficos com o auxílio do jornal impresso, numa perspectiva da Educação Geográfica, implica em o professor ter clara a força da informação e a fundamentalidade do seu uso no processo de ensino-aprendizagem, pautando-se em critérios enlaçados em princípios socioambientais.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Geográfica, Jornal na escola, Informação, Conhecimento.

METODOLOGÍAS PARA ABORDAR INFORMACIONES DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN IMPRESOS EN LA PERSPECTIVA DE LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA

RESUMEN

Este documento se centra en el diálogo entre los medios y la forma de pensar y hacer una educación geográfica en la escuela. Con el objetivo de analizar posibilidades del uso del diario para abordar contenidos geográficos, se utilizó una metodología pautada en la investigación bibliográfica en el campo teórico, y basada en la interpretación de artículos de diario, en el campo empírico. El énfasis del análisis se centra en la construcción de argumentos para demostrar que el uso del diario impreso es una herramienta en el proceso de enseñar y aprender contenidos geográficos, considerándolo como generador de informaciones que pueden ser utilizadas para la construcción de conocimientos. Las informaciones disponibles en los artículos de diario necesitan de un análisis crítico, ya que no son informaciones neutras, para esto, se utilizaron dos opciones metodológicas: los padrones de manipulación de los principales medios de comunicación y la dimensión de los discursos. Esos recursos analíticos ofrecen una interpretación pautada en criterios que sirve para filtrar las informaciones utilizadas en la construcción de los conocimientos. De esta manera, enseñar y aprender contenidos geográficos con la ayuda de diarios, en una perspectiva de la Educación Geográfica, implica que el profesor contemple el poder de la información y lo fundamental que es su uso en el proceso de enseñanza-aprendizaje, basándose en criterios relacionados a principios socio ambiéntales.

PALABRAS CLAVE

Educación Geográfica, Diario en la escuela, Información, Conocimiento.

Introdução

A ciência geográfica, como forma de interpretação do mundo, caracteriza-se por estudar fenômenos e processos socioambientais. Através da interpretação, sistematização e organização realizada pela ciência, os fenômenos e processos confluem em uma conceituação, de modo que passam a ter existência (MOREIRA, 2007). Essa forma de interpretação do mundo também é constituída por informações cotidianas, que em grande parte e atualmente são noticiadas pela mídia em seus distintos modos. No entanto, as notícias transmitidas pela mídia são, em sua maioria, carentes em análises aprofundadas das temáticas abordadas, de modo que apenas informam, mas não abordam as causas e os efeitos dos fenômenos.

A Educação Geográfica, como um modo de compreender os processos de ensino-aprendizagem da ciência geográfica, consiste na abertura à construção de conhecimentos escolares como complexificação prospectiva. Nesse sentido Cavalcanti (2005, p.20) refere que é fundamental "propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições", de modo que a finalidade de

ensinar e aprender Geografia remete-se a construção de "raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço" (CAVALCANTI, 2005, p.24).

A cada dia novas maneiras de atuação da mídia no cotidiano das pessoas surgem e, em geral, visando atrair o público, utilizam tons fortes, proporcionando a expansão de um discurso fragmentado e pouco claro. Essas novidades tecnológicas, associadas à expansão do acesso da mídia, promovem uma "cultura midiática" na sociedade atual (SCHMIDT, 2006). Com isso, surge o desafio da escola dialogar com os diversos tipos de mídia existentes no mundo.

O jornal impresso é um meio de informar os fatos históricos, que ocorrem e produzem o espaço geográfico. Essas informações constituem em um instrumento para a abordagem dos conteúdos geográficos em sala de aula. Os conteúdos geográficos são baseados em conceitos que contribuem para compreender o mundo. Nesta perspectiva, o diálogo existente entre mídia, conteúdos geográficos e ensino, necessita pautar-se nos processos de disponibilização e filtragem das informações, para realizar a construção de conhecimentos aproveitando as informações veiculadas.

Segundo Rodriguez (2010, p.17-18) conhecimento pode ser compreendido como "categoria que corresponde aos conteúdos expressos nos processos comunicativos da sociedade humana", enquanto, informação refere-se "a categoria correspondente ao conteúdo dos processos documentais da sociedade humana". Com isso, o autor ainda ressalta o conhecimento como uma ação (construção) humana baseada na razão, e a informação consiste na ação ligada a memória.

Nesse contexto, realizamos nesta pesquisa, um diálogo entre mídia e o ensino de Geografia, na perspectiva da Educação Geográfica, com o intuito de demonstrar a importância do uso do jornal impresso para a abordagem dos conteúdos geográficos. A fim de contribuir nas análises a respeito da problematização teórica, que envolve a realidade midiática, propomos a construção de referenciais, com base no uso de informações, para explorar os conteúdos geográficos, ou seja, discutimos atividades teórico-práticas, que podem servir como possibilidade didático-pedagógica à aula de Geografia.

Essas atividades estão amparadas no aporte teórico das informações (possíveis de ser exploradas pelos conteúdos) disponibilizados pelas notícias, e na análise categorial do espaço real e representado, (em grande parte demonstrado pela mídia) que pode auxiliar no processo de construção de conhecimentos, por meio da significação de conceitos geográficos. Desta maneira o presente estudo, elaborado na perspectiva da educação Geográfica, não busca apresentar receitas de como trabalhar com as notícias

de jornais, mas evidenciar a importância de análise, do discurso da mídia, e na compreensão da diferença entre informação e conhecimento no processo de ensino-aprendizagem.

Geografia e Mídia: Dos fundamentos teóricos à proposição de análise do discurso midiático

Geografia e Mídia: da informação ao conhecimento

A educação é um processo contínuo de discussão dos conhecimentos construídos acerca do mundo, que, do ponto de vista da geografia, são constituídos pela relação entre sociedade e natureza no espaço geográfico. O processo educativo é uma construção da linguagem didático-pedagógica, que se apresenta de modos distintos no cotidiano das pessoas. Esse processo na escola ocorre por meio do uso de conceitos fundamentados nas análises do espaço vivido. Katuta (2009, p.53) cita que no "ensino de geografia, linguagens e conceitos nutrem relações orgânicas entre si, um não podendo existir sem o outro".

A interação entre mídia e Educação Geográfica implica no processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações (PONTUSCHKA *et al*., 2009). Um resultado dessas interações consiste na contribuição da escola para os alunos como meio de auxiliar uma visão organizada e articulada a respeito da realidade do mundo.

Para afirmar a relação entre mídia e educação Katuta (2009, p.39) menciona que "os conhecimentos são resultantes dos processos comunicativos e são fundamentos no processo de sobrevivência humana". Desse modo, entendemos que a mídia no processo educativo pode ser um grande aliado do professor, uma vez, que sustenta a informação do cotidiano de modo ágil para diferentes grupos sociais, apresentando um papel relevante na sociedade. Isso se encontra com a noção de que "a informação apresenta uma estrutura especializada, utilitária, parcelar, fragmentária e com precisão nos detalhes", enquanto, "o conhecimento, por sua vez, é dialético e pode-se afirmar que por isso supõe uma abordagem sistêmica" (ANDREIS, 2012, p.64).

Nesse contexto, podemos apontar que a mídia é um dos meios que possibilita tornar concreto o abstrato apresentado nos conteúdos geográficos. Guimarães (2007, p. 58 *apud* Silva, 2010, p.158) discorre sobre a importância do uso da mídia na educação, em especial, a geográfica, a saber: “A mídia e as tecnologias da informação têm um papel fundamental na circulação de saberes sobre o mundo, e isso não pode ser

menosprezado, pois pode provocar alterações importantes do trabalho do geógrafo, especialmente, aqueles que se dedicam ao ensino da Geografia".

Almeida *et al*. (2009) afirmam que a mídia é uma fonte inesgotável para a ciência geográfica, mas, a interação mídia e educação necessita de encaminhamentos pedagógicos que não considerem a produção de notícias apenas como informações do cotidiano. Isso porque, para desenvolver uma Educação Geográfica é necessário um indivíduo crítico, conforme aponta Moraes (1998, p.166 *apud* Coccia *et al*., 2009). Para promover a criticidade no sujeito é necessário "estimular o aluno questionador dando-lhe não uma explicação pronta do mundo, mas elementos para o próprio questionamento das várias explicações". No caso do uso do jornal Katuta (2009, p.39), ressalta que "os textos da mídia impressa, sobretudo do jornal impresso não são neutros, pelo contrário, revelam a visão de mundo de seus jornalistas, escritores e do alinhamento político de seus proprietários, isso no caso dos jornais privados" (p.50).

Nesse sentido, amplia-se a importância da análise crítica do discurso midiático, ressaltando questionamentos sobre as ausências de determinados fatos do cotidiano na produção de informações pela mídia. Por exemplo, um tema que envolve grandes debates na sociedade, atualmente, é o de movimentos sociais, porém, raras vezes, esse tema é abordado pela mídia. Portanto, o principal objetivo do educador em utilizar a mídia no processo de construção do conhecimento refere-se em provocar discussões a respeito dos conceitos geográficos que se associam com a notícia vinculada pela mídia (KAERCHER, 2009), de modo, a permitir uma análise multiescalar, que considera o embasamento local na construção de conhecimentos (KATUTA, 2009).

Portanto, a educação ao se utilizar da mídia, pode usufruir dessa como informação e ainda promover reflexões a respeito dos fatos cotidianos. Essas reflexões contribuem para que à manipulação de informação não conduza a uma manipulação da realidade (ABRAMO, 2003). Visto que, os conteúdos ensinados na sala de aula são apropriados de modos distintos pelos alunos, dependendo do modo como o professor coloca em questão esses temas, conduz a um tratamento à informação, pautado na Educação Geográfica (ANDREIS, 2012).

Uma reflexão das relações entre mídia e educação, aponta que na escola se deve considerar que "uma informação multirreferenciada e multidimensionada pode agir como promotora de conexão com o conhecimento" (ANDREIS, 2012, p. 62). Ou seja, a mídia apresenta um conjunto de informações que perpassam uma área de conhecimento, e ao trabalhar com essas informações o professor promove a atenção do aluno ao cotidiano interdisciplinar vivido. Assim, a construção do conhecimento é processo em partes do

todo indissociável que permite o pensar global e agir local, de modo que o conhecimento geográfico seja significativo à vida cotidiana (ANDREIS, 2012).

Portanto, diversos temas geográficos podem ser analisados em apenas uma notícia, por meio, de informações em dados, imagens, entrevistas, acontecimentos, descrições, dentre outras. Katuta (2009) aponta como exemplo o uso do jornal impresso para retratar a linguagem e fonte de registro da geograficidade dos fenômenos, destacando a importância desse material auxiliar no processo de construção do raciocínio geográfico. Coccia *et al*. (2009) mencionam que a mídia impressa possibilita uma leitura e releitura das informações, por vezes, promovendo a criticidade do leitor entre os saberes cotidianos e científicos das diferentes práticas sociais e espaciais. Kaercher (2009) também frisa o jornal impresso como meio de mostrar a cotidianidade do espaço geográfico na realidade do aluno.

Na análise da geografia dos jornais, Kaercher (2009, p.143) chama a atenção para questionamentos tais como: O que é notícia? Que fatos geram ou viram notícia? O que, nos jornais, é opinião do jornalista ou do dono do jornal? Se apareceu no jornal é verdade? Esses questionamentos são parte fundamental do processo de apropriação das informações disponíveis em jornais para auxiliarem as análises dos conhecimentos geográficos.

Por esse viés de análise, Kaercher (2009, p.148) ressalta a importância de ligar um tema ao outro recorrendo a diversas áreas de conhecimento em apenas uma reportagem. Entretanto, direciona à ideia de que "nenhuma ciência é subsidiária de outra, todas servem para instrumentalizar o sujeito a melhor compreender o espaço em que vive". No mesmo enfoque, o espaço em que o aluno vive, relaciona-se com outras escalas de análise, nacional e global, demonstrando as heterogeneidades e homogeneidades dos territórios.

Katuta (2009), também se referindo as escalas de análises, ressalta que as geograficidades apresentadas em um jornal podem remeter tanto as informações de escala nacional e planetária, bem como, a escala de um município, ou mesmo, às vezes apenas da rede urbana deste. Com isso, a autora frisa a importância da seleção da escala de abrangência do jornal impresso em conjunto com uma pedagogia crítica da mídia para auxiliar os alunos no entendimento da produção do espaço em múltiplas escalas.

Para exemplificar as escalas de análise no conhecimento geográfico, remeto a Pontuschka *et al*. (2009, p.264) ao inferirem que

> A Geografia contemporânea tem privilegiado o saber sobre o espaço geográfico em suas diferentes escalas de análise. Enquanto disciplina escolar deve propiciar ao aluno a leitura e a compreensão do espaço geográfico como uma

> construção histórico-social, fruto das relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

Considerando essas relações estabelecidas entre sociedade e natureza, Mendonça (2010, p. 4) refere-se às alterações e mudanças climáticas como processos de espetacularização midiatizados, assim, abordando um falseamento da realidade. Nesse contexto, o autor atribui o papel fundamental do professor de geografia, a fim de "desmistificar as mazelas midiáticas que envolvem os fenômenos geográficos".

Em reflexões sobre a interação mídia e Educação Geográfica estabelecidas das relações sociedade e natureza, podem ser exemplificadas por meio de um acontecimento de um terremoto. Os meios de comunicação apresentam dados dos números de vítimas, prejuízos econômicos, retratação de cenas de destruição, atos de heroísmo e lamentos. Nesse sentido, é importante entender esse fenômeno como parte do rol de conteúdos da Geografia, de modo a usufruir das informações apresentadas pela mídia para construir o conhecimento. Esse processo de construção de conhecimento ocorre através da análise das causas e consequências do terremoto, bem como, as relações com outros mecanismos e elementos naturais e sociais (ANDREIS, 2012). Sendo assim, a informação disponibilizada na mídia pode ser um auxiliar na construção do conhecimento, partindo da realidade do aluno entendida como relação local-global.

Tendo em vista esses exemplos do uso da mídia, em especial, do jornal impresso na escola, transcreve-se a ideia de Coccla *et al*. (2009, p.185) quando dizem "o uso do jornal impresso em sala de aula deve ser feito visando facilitar a apropriação das territorialidades locais em sua correlação com as transformações dos arranjos espaciais no mundo". Sob esse viés problematizador apresentado, esta pesquisa oferece uma abordagem que se apresenta como possibilidade metodológica e pedagógica do que se pode denominar de Geografia do Jornal, para contribuir com o processo de ensino/ aprendizagem dos conteúdos geográficos que constituem a noção de relações entre sociedade e natureza.

Geografia e o Jornal Impresso na Escola: uma proposta para usar a informação.

A mídia impressa, como, por exemplo, o jornal, segundo Kaercher (2009, p.136) possibilita “trabalhar com a percepção do espaço em nosso cotidiano”, fortalecendo o contexto de atuação da Geografia para além da escola. Um ensino, nesta perspectiva, promove sistematizações de discussões e de ideias que contribuem para provocar dúvidas e, por conseguinte, o conhecimento.

A mídia, nesta investigação, concebida como meio de comunicação que oferece informações intensamente visualizadas pelas pessoas, acaba por promover a força conceitual para esses eventos de natureza climática. Entretanto, é de importância crucial ao ensino, que a escola use essas informações, porém, sem se deixar usar pelo discurso da mídia. Esse é o sentido central do presente trabalho, ou seja, o destaque do ensinar e aprender como construção de conhecimentos na escola, a partir das informações transmitidas pela mídia impressa, neste trabalho, o jornal.

A escola, aqui concebida como "a instituição que tem a tarefa específica de trabalhar com a geração, o fomento e a potencialização" (ANDREIS, 2012, p.61) de capacidades "e, para tanto, se utiliza dos conceitos científicos de cada área" (id.), todavia, não se constitui como entendimento de reprodução da mídia, e muito menos de um discurso unidimensional. Contudo, a escola se constitui, sim, como espaço-tempo de oferecimento de um conjunto de condições necessárias para transformação da informação em conhecimento. Por isso é importante aproveitar o discurso "amplo" da mídia ao estudar o ensino de fenômenos climáticos na escola, partindo de uma abordagem que tem como pressuposto uma Educação Geográfica, demanda uma adaptação de várias metodologias, no campo de análises de discursos.

Neste estudo, ainda, a abordagem da Educação Geográfica foi desenvolvida na concepção de uma Geografia Educadora que permite "a possibilidade de transformar temas da vida em veículos para a compreensão do mundo" (REGO, 2007, p.9). A diferença básica entre o Ensino de Geografia e a Educação Geográfica para abordagem da construção do conhecimento, pauta-se no fato de que, o ensino consiste na reprodução de conteúdo, enquanto, a Educação Geográfica aponta as dimensões sociais, econômicas, naturais e políticas do espaço em conjunto.

Assim, a reportagem de jornal selecionada e utilizada neste trabalho é exemplo de notícia que deve ser concebida como representação parcial e endereçada (no sentido de que têm um autor e visam um público) da realidade vivenciada, sendo o espaço muito mais complexo no seu todo. É importante pensar que os discursos descritos nas notícias representam, em alguns casos, apenas informação, em outros meios de poder, ou espaços de denúncias e, raramente, análises dos objetos apresentados.

O tratamento da reportagem, que seja pautado em critérios sistemáticos, acadêmicos, ou seja, de conhecimentos conceituais inerentes à escola, exige uma clara explicação. Por isso, a seguir descrevemos o arcabouço teórico, os materiais e métodos de análise, que podem ser utilizados. Para isso, também, elaboramos um organograma do delineamento da pesquisa (Figura 1).

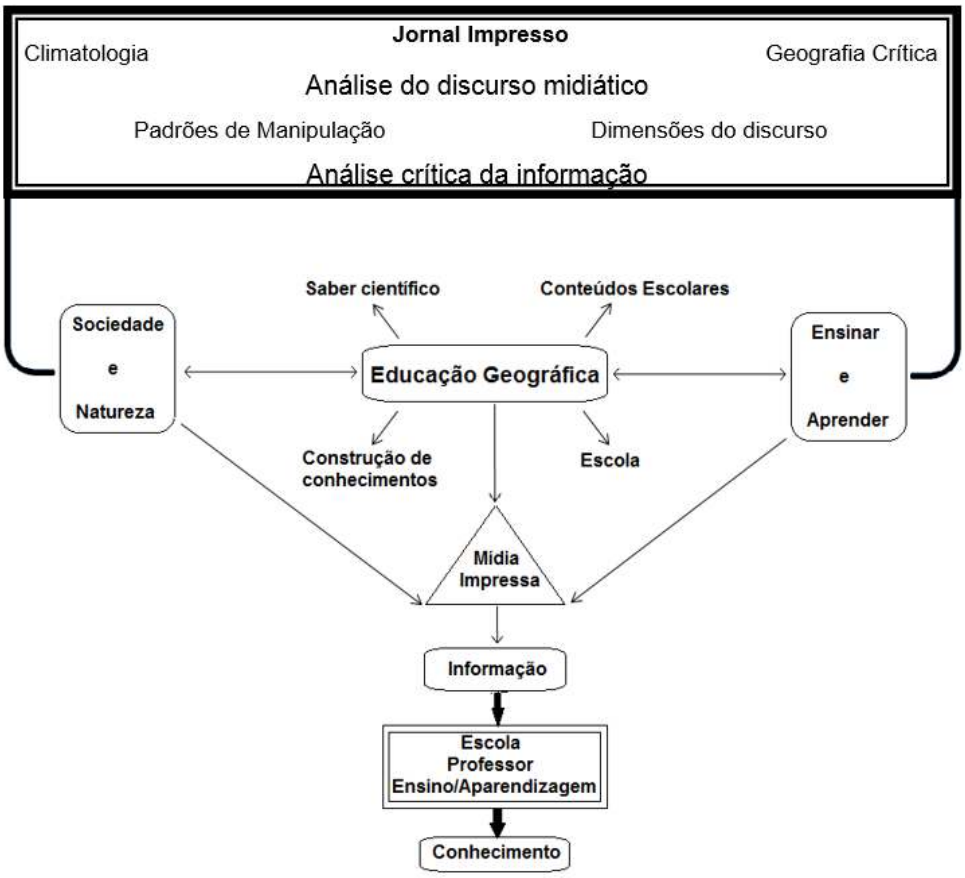


Figura 1 - Organograma do delineamento da pesquisa.
Fonte: BUFFON, 2014.

Esse organograma (Figura 1) permite entender o processo metodológico que sustenta a proposição de análise. O pressuposto da educação geográfica se relaciona, por um lado com a natureza e sociedade (que envolve o saber científico em processo de construção), objeto da análise e, por outro lado, com o ensinar e aprender (que envolve conteúdos escolares), processo pedagógico envolvido na aula. A partir dessa estrutura, que permeia o campo de conhecimento da Climatologia e da Geografia Crítica, adotamos como procedimento para a análise, a seleção de reportagens em jornais, tendo em vista o arcabouço teórico dos fenômenos climáticos implícitos nas reportagens (outros exemplos de reportagens podem ser encontrados em Buffon (2014), pois as reportagens utilizadas neste artigo, são alguns exemplares de possibilidades pedagógicas, selecionados do Trabalho de Conclusão de Curso). Além disso, realizamos análise das reportagens, por meio da metodologia de análises dos discursos, a fim de contribuir para a construção de referenciais para abordagem dos conteúdos climáticos a partir das informações disponibilizadas na reportagem. Assim, ainda, nos procedimentos

analisamos abordagens de conteúdos como uma possível metodologia de ensino-aprendizagem para construção do conhecimento. Todos esses momentos estão relacionados para a obtenção dos resultados que visam explorar o diálogo entre mídia e escola, com o propósito de apropriar-se de informações cotidianas para a construção de conhecimentos associados aos conteúdos geográficos relativos ao clima.

Tendo em vista, a opção metodológica de material adotado neste estudo, torna-se fundamental realizar uma análise crítica sobre as notícias publicadas nos jornais. Nesse sentido, as análises são pautadas nos "Padrões de Manipulação na Grande Imprensa" (ABRAMO, 2003) e nas dimensões dos discursos, proposta por Carvalho (2000, 2002).

Segundo Abramo (2003), a imprensa tem o poder de manipular informações que distorcem a realidade, expondo a sociedade a uma realidade artificialmente exposta pelos meios de comunicação. Para representar essa manipulação de realidade, através da informação, o autor propõe uma análise do significado político das notícias vinculadas pela mídia, ressaltando, assim, "Padrões de Manipulação na Grande Imprensa". O autor salienta quatro tipos de padrões que se referem a toda impressa, a saber:

- Padrão de Ocultação: refere-se à ausência e a presença dos fatos reais na produção da grande imprensa (silêncio deliberado sobre determinados fatos da realidade) conduzindo a uma eliminação do fato real do contexto, de modo, que a realidade torna-se apenas uma imaginação;
- Padrão de Fragmentação: o real é fragmentado em uma infinidade de particularidades, desconsiderando as estruturas e interconexões, as dinâmicas, causas, condições e consequências da realidade. Ou seja, realiza-se a decomposição, fragmentação e otimização do fato jornalístico e descontextualização;
- Padrão de Inversão: por meio dos resultados dos processos do padrão anterior, o fato noticiado é invertido, através do reordenamento das partes, e as informações mudam/trocam de lugares e de importância, propiciando a destruição de uma realidade original e a criação artificial de outra realidade;
- Padrão de Indução: as combinações dos outros padrões tendem a induzir uma realidade inventada, superficial. Visando, a leitura do mundo apontada pela impressa, que muitas vezes, associa-se a uma visão do mundo não como ele é, mas, sim como a mídia por meio do poder apresenta.

Além dos padrões de manipulação na grande imprensa, Carvalho (2000, 2002) apresenta outra opção teórico-metodológicas para analisar o discurso midiático. De

modo, a visar, identificar níveis de intervenção das fontes e dos jornalistas, através de uma técnica denominada de "*framing*", que refere-se ao poder de perspectivação e/ou enquadramento.

Com isso, Carvalho (2000) suscita duas maneiras de análise crítica das notícias por meio do "*framing*", sendo essas (p. 144-145):

> a) uma como padrões que os indivíduos utilizam para organizar a sua apreensão da realidade, por meio, de percepções, e
> b) outra como um exercício de inclusão e exclusão de fatos, valores, opiniões e juízos de valor relacionadas à estruturação do discurso, que orienta a construção dos textos presentes nos meios de comunicação.

Essa análise crítica contribui para a identificação de três dimensões nos discursos, frisando (CARVALHO, 2002, p.12):

- A Dimensão analítico-descritiva: quando a notícia descreve e analisa o fato;
- A Dimensão normativo-avaliativa: demonstra que a notícia expõe juízos de valor, que envolve opiniões e opções ideológicas.
- A Dimensão prescritiva: a notícia descreve ações, propõe soluções para o problema apresentado.

De todo modo, ainda que a abordagem destes dois autores, para a análise de notícias vinculada pela mídia tenha possibilitado uma análise crítica do discurso mediático, não se dispensam questões tais como: Que fatos que envolvem a relação sociedade natureza se tornam notícias? Qual é a representatividade desta notícia na sociedade? As notícias têm caráter unicamente verdadeiro? Quem sugeriu a apresentação de determinada notícia?

Portanto, nesse momento, além dessa análise detalhada do discurso da imprensa disponibilizado na mídia, arrolam-se indicações para as transformações das informações presentes no cotidiano em conhecimentos, levantando alguns pontos de atuação da escola nesse processo, todas na perspectiva de uma Educação Geográfica, visando a melhoria do ensino da ciência geográfica nas escolas.

A mídia no pensar e fazer uma Educação Geográfica: abordagem de conteúdos geográficos a partir de recortes de jornais impressos

O evento de inundação, noticiado pelo Jornal Diário da Manhã, levantou informações sobre as consequências do excesso de chuva, relatando os prejuízos socais e econômicos decorrentes do evento climático extremo (Figura 2). Além disso, observamos

que a manchete evidenciou apontamentos sobre as vulnerabilidades socioambientais expressas pelo apontamento das áreas de risco na cidade de Chapecó-SC.

Partindo da interpretação da reportagem, verificamos a dimensão do discurso presente na reportagem intitulada "*Calamidade Pública*", pois é possível inferir a existência de padrões de manipulação por meio do discurso midiático. Desse modo observamos que a reportagem possui uma dimensão analítico-descritiva voltada, principalmente, para a descrição de fatos. Em alguns pontos encontramos análises, que podemos caracterizar como superficiais, pois expõe assertivas que se restringem a exposição informativa. Isso pode ser percebido na frase "o aguaceiro deixou prejuízos incalculáveis para comerciantes, empresários e a própria população, notadamente a que vive às margens dos canais que cortam a cidade no sentido leste-oeste e sudeste-noroeste".

Atrelado a esse caráter descritivo, em especial, ressaltamos a presença do padrão de fragmentação e inversão, que demonstra em grande parte a ocorrência de um evento natural, uma vez dito, "consequência do aguaceiro que se abateu sobre a cidade", como consequência principal dos prejuízos sociais e econômicos. Assim, também observamos a ausência da exemplificação do planejamento urbano que contemple a dinâmica natural, social e econômica em harmonia. Sendo assim, entendemos que a desconsideração da análise do uso e ocupação do solo reverte para um padrão de fragmentação da realidade. De tal modo que os resultados dessa fragmentação possibilitam ao discurso demonstrar na notícia um padrão de inversão de valores, ressaltar exaustivamente bairros atingidos e os principais prejuízos, a fim de evitar explanar sobre causas sociais, econômicas e políticas que proporcionaram uma possível contribuição a tamanha magnitude do evento climático extremo. No fragmento em que descreve a área atingida, observamos menção a ocupação irregular, entretanto, esse fato social não foi aprofundado na análise.

DIÁRIO DA MANHÃ/Chapecó, 20 de maio de 1983.

"CALAMIDADE PÚBLICA"

Calamidade Pública somente assim pode se definir a consequência do aguaceiro que se abateu ontem sobre a cidade, causando vários desabrigados, flagelados, inundações em residências, escolas, lojas, supermercados, bancos e veículos.

Em suma, o aguaceiro deixou prejuízos incalculáveis para comerciantes, empresários e a própria população, notadamente a que vive às margens dos canais que cortam a cidade no sentido leste-oeste e sudeste-noroeste.

Desde o bairro Santa Maria, onde a situação foi gravíssima, com várias residências literalmente inundadas, até o bairro Antena, onde a situação era idêntica, centenas de casas estavam literalmente debaixo d'água. Na rua Adolfo Konder uma residência foi completamente submersa pelo volume da água que transbordou do canal. Ao lado, outras residências ficaram com apenas o telhado emerso.

A perda dessas famílias foi total: móveis, alimentos, utensílios, documentos, dinheiro, outros valores. As próprias casas sofreram sérios abalos em suas estruturas, dado à força das águas.

CENTRO

O centro da cidade, compreendendo-se desde a rua Israel a rua Rui Barbosa até a Fernando Machado, entre Clevelândia e a Quintino Bocaiuva, também foi tomado pela enchente. Brecha Automóveis, Palácio dos Esportes, IAPAS, garagem do Eston Hotel, Finasa, Comercial de Máquinas, Myatã, HM, Hotel Cometa, Casas de Chapecó, Favero Decorações, Foto Sander, Casa Lorenci, Farmacia Providência, Irmãos de Marco, Unetral, Farmacia São Carlos, Mercadão Novo Hamburgo, Neri Multimoda, Banco Itaú e vários outros estabelecimentos foram inundados pelas águas. O tráfego no centro foi desviado para as ruas Rui Barbosa que em alguns trechos não dava passagem e rua General Osório, também em situação difícil. Na Avenida o trânsito parou, veículos ficaram embaixo d'água, enfim, o caos.

Os prejuízos financeiros é certo, elevam-se a centenas de milhões de cruzeiros. Só nas lojas localidades na Rua Marechal Bormann entre a Avenida e Nereu Ramos, os prejuízos foram enormes; Myatã, Lorenci, HM, Foto Sander, Casas Chapecó, Favero Decorações e outros tiveram suas instalações tomadas pelas águas.

DOENÇAS

O chefe do Vlo. CARS, Aderbal Zunino, descartou, pelo menos inicialmente a hipótese de que venham a ocorrer surtos de doenças (tifo etc). Segundo ele há uma equipe de plantão para a vacinação em massa até o momento não se verificaram casos de doenças transmissíveis em situações como esta. De qualquer forma - diz - o Cars está de prontidão para qualquer emergência, mesmo que até agora o perigo inexista.

DESABRIGADOS

Segundo o Corpo de Bombeiros, estão desabrigados vários moradores dos bairros Passo dos Fortes, Santo Antonio, Palmital, Universitário, São Pedro, Santa Maria, Maria Goretti, Jardim América, Antena, Industrial a outros. O número de desabrigados sobe à centenas de pessoas, famílias inteiras recolhidas, parentes ou instituições sociais.

Figura 2 - Notícia sobre a ocorrência de inundação na cidade de Chapecó-SC vinculada pela mídia impressa.
Fonte: DIÁRIO DA MANHÃ, 1983.

Ao considerar as informações e as representações do evento inundação em Chapecó apresentado na reportagem acima, elaboramos um referencial para abordagem dos conceitos geográficos e das relações sociedade e natureza dentro de um tema dos conteúdos geográficos (Figura 3). Portanto, entendemos que o espaço representado na

Figura 3 está associado a um contexto de objetos e ações que fornecem subsídios para a construção territorial, bem como, regional, expressando as distintas realidades refletidas na paisagem, que, por vez, define um lugar que é constituído de diferentes cotidianos ao longo da história.

Com isso, remetemos a análise de que um desastre natural em virtude de um evento climático extremo e do uso e ocupação do solo inadequado, não é um evento isolado e desconectado do todo. Essa abordagem multiescalar e multidisciplinar dos fenômenos climáticos necessitam ser foco de atenção das relações entre sociedade e natureza no fazer uma Educação Geográfica.

Para isso, um meio de abordagem problematizadora pode ser construído, por exemplo, com o uso da Figura 3. Essa análise pode ser desenvolvida com os conhecimentos de que um rio do território pode possuir uma área natural, constituída por uma planície de inundação. No entanto, essa planície de inundação é ocupada de modo distinto nas regiões, visto que o homem para produzir bens econômicos não respeitou os limites naturais dos rios, proporcionando aos lugares mais vulneráveis retrospectos mais acentuados de um evento cotidiano de chuva intensa.

Dentro dessa análise, o professor pode mediar conhecimentos climáticos da Geografia em distintos temas na escala local e global, a seguir ressaltamos alguns:

1) O processo de urbanização;
2) Dinâmica climática e fluvial;
3) O despejo de resíduos sólidos urbanos (lixo);
4) Eliminação da mata ciliar;
5) Lançamentos de esgotos domésticos industriais;
6) Desmatamento de intensas áreas;
7) Retificação e canalização de córregos;
8) Ocupação urbana irregular;
9) Ausência do saneamento;

Considerando essas possibilidades, o professor pode construir um sentido de caráter preventivo ao ensinar esse conteúdo, que pode contribuir para minimizar os efeitos das inundações na sociedade. Além disso, pode ressaltar a importância de estudos multidisciplinares que visam abordar as áreas de inundações.

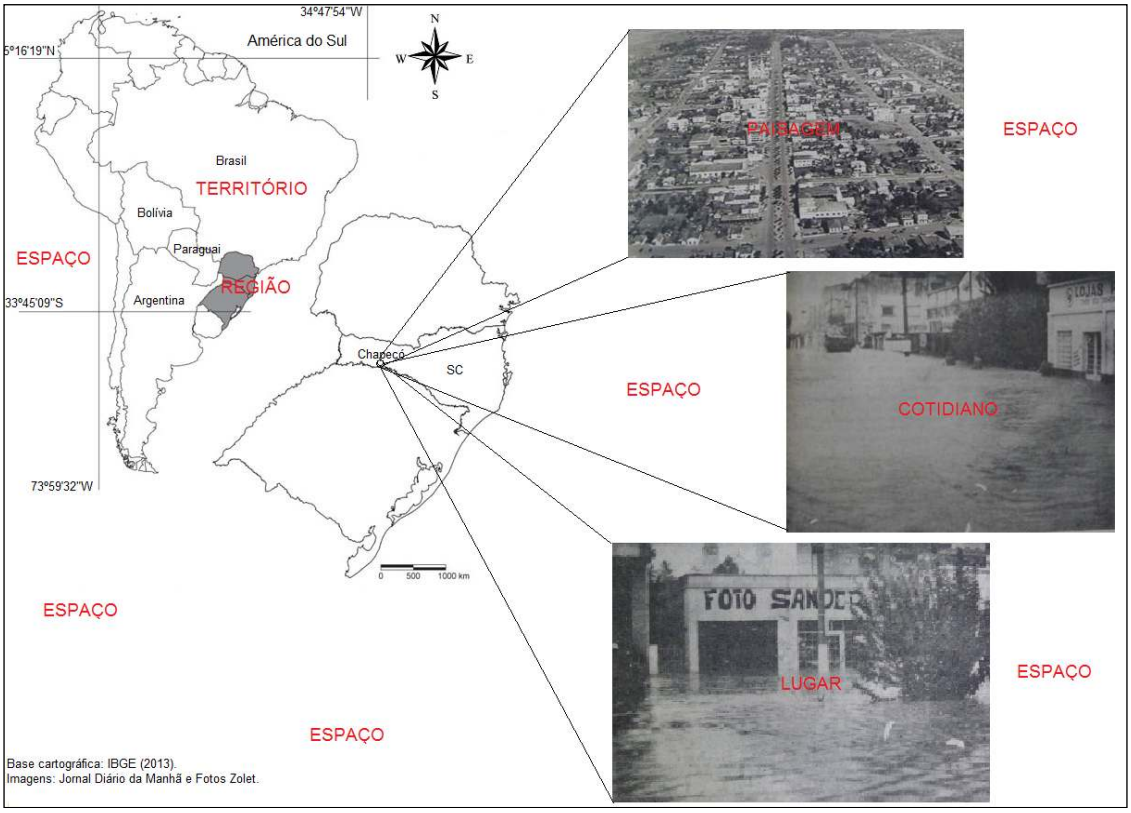


Figura 3 - Abordagem dos conteúdos geográficos a partir de um evento de inundação noticiado pela mídia.
Fonte: BUFFON, 2014.

Para melhor pontuar a discussão entre mídia-informação-ensino-conhecimento, proposta com a construção de referenciais para a abordagem dos conteúdos geográficos, fazamos referência ao fato de que a mídia manipula, direciona, afirma e não explica as informações disponibilizadas. Entretanto, identificamos que, por meio da análise da reportagem, o professor pode utilizar a mídia como um atrativo aos alunos no processo de construção de conhecimentos. Isso, porque os estudantes têm diariamente acesso a muitas notícias, em suas mais variadas formas, que resultam na aquisição de informações, direcionadas e repetidas a exaustão.

As ideias lançadas pela mídia não devem ser somente repetidas pelo professor, nem ser interpretadas de modos a direcionar, apenas para uma maneira de pensar. Isso por que, neste caso, o professor estaria associando o processo de ensino-aprendizagem a um fazer prescritivo, ou seja, apenas repassando o conteúdo que interessa à mídia e não construindo conhecimentos com os alunos. Paralelamente a esse processo, no ensinar e aprender uma Educação Geográfica, observamos a importância da análise do discurso da mídia, com base em padrões de manipulação e dimensão do discurso midiático, tal como foi realizado nesta pesquisa. Essa análise possibilita ao professor provocar à

reflexão acerca dos elementos implicados, mas esmaecidos em um fato, tal como os interesses em mascarar uma realidade. Para exemplificar a importância, cito a ideia de Rodriguez (2010, p.50), na qual as novas tecnologias da informação e da comunicação na atualidade são

> Como obras resultantes de um processo inovador, são dignificantes do gênio humano. Mas enquanto criações imprescindíveis de quem delas fazem uso, torna-se sua manipulação uma ação pouco louvável. Herança da modernidade que permanece em nossos dias.

O uso da mídia na escola pode ser ou não um aliado do professor. Para que o professor utilize-a como um aliado na construção de conhecimentos é fundamental promover condições para transformar a informação em conhecimento. Dentro da perspectiva da Educação Geográfica no ensino da Geografia, podemos inferir que o profissional educador dessa área necessita tensionar as barreiras invisíveis do processo de ensino-aprendizagem imposto no sistema capitalista, a fim de produzir uma Geografia para os homens e não para o capital (MOREIRA, 2006). E com esse sentido que Callai (2000, p. 92-93) destaca

> [...] que se considere a aprendizagem um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo. Tal processo supõe, igualmente, uma relação de diálogo entre professor e aluno que se dá a partir de posições diferenciadas, pois o professor continua sendo professor é o responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades, criando condições para que se efetive a aprendizagem por parte do aluno.

A aprendizagem como resultado de um processo do aluno, consiste na apropriação em relações com os conteúdos implicados em conceitos geográficos. Nesse processo, a função do professor no que se refere ao ensino-aprendizagem é, por assim dizer, uma ação bastante complexa do ponto de vista teórico e, principalmente, na prática. Tal complexidade abarca os desafios históricos da ciência geográfica. Nesse sentido, chamamos a atenção com esta pesquisa, para a utilização da mídia como meio de impacto nos partícipes inseridos no processo de construção de conhecimentos. Assim, evidenciamos a necessidade do abandono de uma mera reprodução de informações do dia-a-dia nos desafios de ensinar e aprender.

Considerações finais

Ensinar e aprender conteúdos geográficos com o auxílio do jornal impresso, numa perspectiva da Educação Geográfica, implica o professor ter clareza na força da informação e da fundamentalidade do jornal impresso no processo de ensino-aprendizagem, como instrumento para construção de conhecimentos na escola. Para demonstrar isso, optamos pela construção de referenciais que contribuam na espacialização das informações presente nas reportagens, a fim de associar meios de interpretação, através das categorias de análise, para construção de conhecimentos que são fundamentados em conceitos inseridos nos conteúdos geográficos.

Ocorre que, na interpretação das informações disponíveis nas reportagens, verificamos que (com exceção de uma reportagem na qual não é possível visualizar diretamente a manipulação), as informações noticiadas não são neutras. Em razão disso, utilizamos para análise das reportagens a identificação da dimensão e dos padrões de manipulação, presentes no discurso midiático. Isso, porque um dos propósitos neste trabalho é oferecer modos de realizar a análise de reportagens pelo professor dialogando com as informações e os conteúdos, no processo de ensinar e aprender Geografia.

Em relação a essa questão, Rodriguez (2010, p.80) coloca que o agravante no processo de ensinar e aprender consiste em "romper o isolamento e reaprender a dialogar com o outro para a retomada da construção de objetivos comuns", assim, o autor justifica que é necessário dialogar com outros conhecimentos, de modo a não se limitar apenas uma especificidade de um tema.

Essas considerações permitem inferir que as informações acerca do clima, selecionadas das reportagens de jornais e apresentadas nos referenciais para abordagem dos conteúdos geográficos, realizado neste trabalho, oferecem base para a construção de um sistema conceitual geográfico amplo, que permeia conteúdos além da ciência geográfica. Esse momento acontece quando o professor problematiza as informações selecionadas, pautado nos conceitos e categorias geográficas, com a finalidade de auxiliar o aluno na construção de conhecimentos.

Sobre essas observações, podemos concluir que um grande desafio no processo de ensino-aprendizagem refere-se ao pensar e fazer o uso de outras linguagens, que não científicas como ferramentas na Educação Geográfica. Pensar os fatos cotidianos presentes na sociedade e fazer as análises desses fatos, de modo a permitir evidenciar relações entre os elementos sociais, naturais, econômicos e culturais na reprodução e

produção do espaço geográfico dentro da abordagem histórico-atual. Portanto, entendemos que o pensar e fazer estão presentes no diálogo entre mídia e ensino pela seleção de informações e produção de conhecimentos. De fato, esta pesquisa não contempla e nem tem intenção em contemplar receitas, a partir dos referenciais, para o uso do jornal impresso no ensinar e aprender Geografia. Mas pretendemos deixar como contribuição a importância do uso e filtragem da informação disponibilizada na mídia como auxiliar no processo de construção de conhecimentos escolares, ressaltando o papel de pensar e fazer uma Educação Geográfica nas escolas.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALMEIDA, A. C.; REIS, A. de O. N; FERREIRA, M. S. A mídia impressa local: construindo e reconstruindo visões em sala de aula. In: KATUTA, A. M. *et al.* (orgs) **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Memória, 2009.

ANDREIS, A. M. **Ensino de geografia:** fronteiras e horizontes. Porto Alegre: ComPasso Lugar Cultura - Imprensa Livre, 2012.

BUFFON, E. A. M. **Multidimensionalidades do uso do jornal impresso na educação geográfica:** entre as informações climáticas e a construção de conhecimentos geográficos. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó/SC, 2014.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. *et al.* (org.). **Ensino de Geografia, prática e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134.

CARVALHO, A. Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. In: **Comunicação e sociedade 2**. Cadernos do noroeste, série comunicação, v. 14 (1-2). 2000. p. 143 – 156.

_____. Mudanças climáticas, organizações ambientais e a imprensa britânica: uma análise do poder de perspectivação. In: MIRANDA, J. B.;SILVEIRA, J. F. (Org.). **As ciências da comunicação na viragem do século**. Anais do I Congresso da Associação portuguesa de ciências da comunicação. Lisboa: Vega, 2002. p. 750-762.

CAVALCANTI, L de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 8.ed., Campinas-SP: Papirus, 1998.

COCCIA, A. C.; PORTELINHA, D. K.; GASPAR, E. M. C. G.; RUIZ, J. C. Experiências didáticas com o jornal impresso. In: KATUTA, A. M. *et al.* (orgs) **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Móría, 2009.

DIÁRIO DA MANHÃ. Calamidade Pública. **Diário da Manhã**, Chapecó-SC, Ano IV, n. 156, p.01, 20 de maio de 1983.

KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A. (org). **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 7. ed., Porto Alegre: Mediação, 2009.

KATUTA, A. M. Geografia, linguagens e mídia impressa. In: KATUTA, A. M. *et al*. (orgs) **Geografia e mídia impressa**. Londrina: Mória, 2009.

MENDONÇA, F. A. **Geografia e meio ambiente**. 8. ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. Editora Brasiliense, 2006.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia:** ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. - São Paulo: Cortez, 2009.

REGO, Nelson. Geografia educadora, isso serve para... In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (orgs). **Geografia.** Práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RODRIGUEZ, A. D. **A condição civilizatória:** uma visão essencialista da informação, da inovação e do conhecimento. Leme/SP: Mundo Juridico, 2010.

SCHMIDT, S. Em pauta: a aliança mídia e educação. In: **UNIrevista**, v. 1, n° 3, jul, 2006.

SILVA, E. I. da. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia:** charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade. Tese de doutorado. Instituto de Estudos Socioambientais – Universidade Federal de Goiás, 2010.

Recebido em 22 de fevereiro de 2015.

Aceito para publicação em 28 de setembro de 2015.